



Voz da Fátima

Director, Editor e Proprietário: Dr. Manuel Marques dos Santos — Administrador: P. Carlos de Azevedo — Redacção: Largo Dr. Oliveira Salazar, 21 — Leiria.
Administração: Santuário de Fátima, Cova da Iria, Composto e impresso nas Oficinas da «União Gráfica», Rua de Santa Marta, 48 — Lisboa N.

A Grande Peregrinação Nacional de Outubro

Nos dias 12 e 13 de Outubro findo, acorreram ao Santuário de Nossa Senhora da Fátima, erguido no coração da Pátria, dezenas de milhares de peregrinos de todos os pontos do país, em fervorosa romagem de fé, piedade e esperança.

A noite e o dia estiveram esplêndidos, contribuindo assim para aumentar a concorrência dos fiéis.

O número extraordinário de veículos, principalmente automóveis e camionetas, que se viam nas imediações do recinto sagrado, apesar da actual carestia de meios de transporte, despertava a lembrança dos grandes dias da Fátima de antes da guerra.

grada Comunhão aos seus peregrinos.

A hora habitual, efectuou-se a procissão das velas, com a ordem mais perfeita e a mais ardente devoção.

Milhares de pessoas de todas as classes e condições sociais tomaram parte nesse belo cortejo luminoso em honra da Santíssima Virgem.

As preces e os cânticos alternavam-se num câo admirável de imponência e majestade cujas vezes dir-se-iam acordar os ecos seculares da montanha e o espectáculo revestia-se de um encanto tão singular e provocava uma emoção tão viva que as lágrimas assomavam aos olhos de quantos

comunhão geral, tendo recebido o Pão dos Anjos mais de seis mil pessoas.

Ao meio-dia, rezado o Terço junto da capela das aparições, foi conduzida em procissão, aos ombros dos beneméritos Servitas, o lindo e rico andor de Nossa Senhora da Fátima, todo coberto de flores.

A sua passagem, a multidão acenava com os lenços e dirigia súplicas fervorosas à Virgem bendita que, com a sua poderosíssima intercessão junto de Deus, além de nos ter alcançado muitas outras graças, fez desta Terra de Santa Maria um verdadeiro oásis de paz no meio de um mundo convulsionado pela mais hor-

no respectivo livro de registo do Posto oficial das verificações médicas.

Estiveram também presentes o Senhor Ministro das Colónias e os srs. Generais Casimiro Teles e Pereira Coutinho.

Entre os peregrinos encontrava-se ainda o rev. P.º Provincial dos Carmelitas de Navarra.

Segurou a umbrela durante a bênção dos doentes o Senhor Ministro das Colónias.

Cantado o *Tantum ergo* e dada a bênção geral, os venerandos Prelados presentes deram a bênção episcopal à multidão dos fiéis aglomerada na esplanada do Rosário.

(Continua na 2.ª página)

ACÇÃO CATÓLICA Espírito de Fé

É já trabalho fecundo estimar, desejar e pedir a fé.

Todavia, quem a não possui, terá ainda de completar aquelas acções com estas outras, que não são necessárias: procura séria e prática sincera.

Procurar a fé. No mundo, andam todos à procura de certos bens que, muitas vezes, de bem só têm o nome. E quantos sacrificios se fazem para consegui-los! Quantos sacrificios, quantas lágrimas, porventura quanta humilhação, quanta desonra!

Não valerá o bem da fé sacrificios semelhantes?

Não temos de ir longe para procurá-la. O mundo, que nós vemos e admiramos, fala-nos de Deus. Todas as maravilhas do universo proclamam as grandezas do Altíssimo. Que inteligência, que poder, a não ser de Deus, conseguiriam conceber e realizar tais prodígios?

Entramos dentro de nós mesmos, e ouvimos, comovidamente, a mesma grande voz. Também neste sentido são de verdade as palavras do Senhor: O reino de Deus está dentro de nós.

E muitos que negam a fé e têm lido tantas obras demolidoras, já procuraram estudar, com seriedade e com serenidade, alguns dos livros que dela tratem, sem ser para apocá-la ou destruí-la?

E terão falado a pessoas que tenham por missão encaminhar as almas no sentido de Deus? Ouviram os sacerdotes, em alocuções, em homilias, em conversa particular?

Na imagem de alguém, quando se está doente, recorre-se ao médico; quando há um litígio, procura-se o advogado; mas, quando se trata de questões de religião, talvez se ignore o padre.

Quando se procura a fé com lealdade, Deus não deixa de concedê-la.

Não pode mentir nem enganar o Senhor, e foi Ele que ensinou: Pedi e recebereis; procurai e achareis.

Encontrada a fé, urge praticá-la. É frágil e fria? O exercício torná-la-á forte e quente.

São de Monsenhor Gibier estas judiciosas observações:

Credes em Deus; mas fazeis tudo o que esta crença exige? Adorai-lo, como Criador e Senhor? dais-lhe graças, como Soberano Beneficor? Sobretudo rezais?

Credes na moral; mas fazeis o bem na medida do possível? abstendes-vos cuidadosamente de tudo o que a vossa consciência reprova? pedis perdão a Deus de todos os pecados cometidos?

Credes no dever, principalmente no dever da castidade, imposto pela dignidade humana e pelas leis da natureza; mas praticais nobre e corajosamente esta virtude?

A debilidade de fé não é motivo para que não se pratique. Ai das paredes que não sejam cobertas. Em breve cairão em ruínas. Ai da fé, que não seja aquecida pelo exercício, quotidiano e sério. Sem prática, a fé viva entibia-se e morre. Com o exercício de todos os dias, até as almas fracas se robustecem e tornam capazes de acções heróicas.

† MANUEL, Bispo de Helenópolis



Peregrinação Operária a Fátima em 3 e 4 de Outubro — Um aspecto das bandeiras

As comemorações religiosas de 13 de Outubro deste ano na Cova da Iria tiveram como característica especial a participação nelas de 34 peregrinos espanhóis do Ferrol (Galiza) que chegaram às 4 horas e meia da madrugada, tendo feito a longa jornada numa camioneta de aluguer. O grupo era dirigido pelo rev. P.º Echevarria, religioso missionário da Congregação do Sagrado Coração de Maria, que, uma hora depois da chegada da peregrinação, celebrou o Santo Sacrifício da Missa num dos altares da Basílica do Rosário, proferindo ao Evangelho uma alocução calorosa e entusiástica e dando a Sa-

o presençaavam estacionados ao longo do percurso.

Após o cortejo triunfal nocturno, cerca da meia-noite, principiou a tocante cerimónia da Hora Santa, de adoração e reparação, a Jesus-Hóstia solenemente exposto, num trono de lumes e flores, no altar exterior da Basílica.

Durante a recitação do rosário, explicou os respectivos mistérios, nos intervalos de cada Terço, o rev. P.º Francisco Vieira da Rosa, professor de Moral na Escola Industrial de Leiria. A este seguiram-se outros turnos de adoração eucarística até às 6 horas. A essa hora, houve a Missa da

rivel das guerras e cheio de devastações e ruínas de toda a espécie.

Colocada a veneranda Imagem junto do altar, no átrio da Basílica, celebrou a Missa dos doentes, o rev. dr. José Galamba de Oliveira, cônego capitular da Sé Catedral de Leiria e Assistente diocesano da Acção Católica.

Assistiram ao Santo Sacrifício, ao lado do altar, Suas Ex.ªs Rev.ªs os Senhores Bispo de Leiria e Bispo Titular de Gurza. Este último fez a homilia logo depois do Evangelho, e deu no fim a bênção com o Santíssimo Sacramento aos 198 doentes que tinham sido inscritos previamente

ROSA MÍSTICA O Beato Nuno Álvares A PEREGRINAÇÃO Operária à Fátima e os Portugueses

A religião cristã é uma religião de amor. Foi por amor que Deus nos criou, porque Ele não tinha necessidade de nós: bastava-se plenamente a Si próprio na solidão radiosa da Sua eternidade. Quis que participássemos da Sua bem-aventurança e porque nossos primeiros pais, pelo pecado, inutilizaram o plano divino, o mesmo sentimento de amor O fez descer do Céu à Terra, para encarnar e morrer por nós.

Por isso S. João nos dá esta sublime definição: Deus é caridade, Deus é amor.

Certamente que Ele possui outros atributos magníficos: o Poder, a Majestade, a Imensidade, a Justiça. Mas o mais enternecedor para os nossos corações é o Seu amor ou a Sua bondade.

Em troca deste amor com que nos honrou, Deus pede-nos que O amemos. E Nosso Senhor Jesus Cristo, ao dizer-nos que a caridade é o Seu Mandamento e que ele contém a Lei e os profetas, insinuava-nos que, até certo ponto, o único preceito a que todos os outros se submetem, a única virtude transcendente que é a alma de todas as outras virtudes e sem a qual estas virtudes são mortas.

A pátria é o amor de Deus excluindo todo o prazer indigno. A humildade é o amor que renuncia a sua própria glória e a atribui ao ser bem-amado, sentindo-se feliz de se aniquilar a seus pés. A própria justiça é o amor do direito por excelência, que é o direito de Deus, e do dever por excelência que é o dever para com Deus.

Sem a rosa do amor, a terra da nossa alma não tem valor nem beleza aos olhos de Deus.

Mas a rosa das rosas é a Virgem Maria, porque muito amou a Deus e aos homens. Amou Jesus com um duplo amor, como santa e como Mãe. Quando Ela apertava o divino Infante ao seu coração e de punha sobre a pequenina fronte um terno beijo maternal, podia bem dizer-Lhe:

— Jesus Menino, eu te adoro porque és o meu Deus, e amo-Te porque és meu Filho.

Maria amou muito os homens, seus filhos adoptivos, irmãos de Jesus. Dolorosa adopção realizada no Calvário, ditada por Jesus agonizante. Não há maternidade sem dor como não há rosa sem espinhos. Os que ensanguentaram a fronte do Salvador, ensanguentaram igualmente o coração da Mãe. Mas Maria tomou para si só os espinhos e reservou as rosas para nós, isto é, as graças que embelezam e perfumam a nossa vida.

Mas para termos direito a essas graças, devemos amar e venerar Maria, a Rosa Mística, devemos honrá-la com as nossas orações. É a oração que comove mais profundamente o seu coração e o Rosário — três coroas de rosas ou de Ave-Marias que entretecemos a nossa Rainha, rosas que são diferentes segundo os mistérios que meditamos ao recitar as Ave-Marias. Com os mistérios gozosos, os da infância de Jesus, oferecemos-Lhe rosas brancas de inocência e pureza; com os mistérios dolorosos, os da Paixão, rosas vermelhas embebidas no sangue divino de Cristo; com os mistérios gloriosos, temos rosas de ouro, rosas que não existem na terra, rosas dobradas pela luz radiosa do Sol divino que um dia gozaremos na Pátria celeste.

Se um grupo de inimigos pretendesse fazer esquecer aos Portugueses a mais linda figura da sua História não teria conseguido mais do que já está feito para vergonha nossa.

1 de Novembro, dia de Todos os Santos — morte de D. Nuno.

6 de Novembro — dia da festa litúrgica do Beato Nuno de Santa Maria, que solenidade têm nas nossas festas, nas comemorações oficiais, na piedade popular, na devoção patriótica?

Pobre D. Nuno. — Nem uma lembrança em Lisboa que a tantos badamecos elevou estátuas e sagrou monumentos.

Mas talvez seja melhor assim: a companhia e a comparação são pouco agradáveis.

Se, ao menos, aquelas venerandas ruínas do Carmo que ele com tanta amor ergueu para lhe servir de abrigo, restauradas (e não era difícil!) agasalhassem dignamente as cinzas do Herói e Santo...

Oh! Com que amor voltaríamos em cirios e procissões a cantar-lhe loas e levar-lhe ofertas!

Como a Juventude, a Mocidade Portuguesa, regenerada e dinamizada ao calor da figura do Chefe nos daria, sempre generosa, a certeza de um Portugal Maior.

Por que o não faz o Governo Nacional?

E uma dívida de gratidão.

Nós outros, vamos-lhe entretanto estendendo o culto com novos altares e imagens, com a celebração das suas festas, com o tornar conhecida a sua vida e exemplos, com o incocar-lhe a protecção.

Bom parte cabe nesta gloriosa tarefa à Acção Católica e em especial à Juventude Católica Portuguesa.

Já alguma coisa se fez: resta ainda muito por fazer.

Quem dá alvites?

Quem quer trabalhar já e sem descanso?

Ficamos à espera das almas generosas.

Jogadol

QUE HÁ DE NOVO?

Um mimo literário e artístico que é o número especial de Outubro da revista «Stella» comemorativo das Bodas de Prata da restauração da Diocese de Leiria.

Cada exemplar 2\$50. Pedidos acompanhados da respectiva importância, à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).

E HÁ MAIS...

O Calendário de Nossa Senhora da Fátima (1944), primoroso para brindes, finamente ilustrado a offset, e o Almanaque de Nossa Senhora da Fátima (1944), género popular, com 160 páginas, ilustrado, com as indicações indispensáveis ao lavrador para sementeiras e colheitas e páginas de recreio e utilidades.

Cada exemplar, tanto do Calendário como do Almanaque, 1\$00. Pelo correio, até 20 exemplares, mais \$50. Não se atendem pedidos à cobrança.

Pedidos à Administração da «Stella» — Cova da Iria (Fátima).



Substitua os seus antigos quadros religiosos pelas lindas imagens que Topázio criou. São maravilhas de arte para presentes de distinção. Veja se tem gravada a marca original.

TOPÁZIO

A venda nas Oficinas.

Vinho de Missas

só o tem ruim quem quer, desde que o Gráfico de Leiria o vende tão bom, doce e fabricado segundo as exigências canónicas.

Por que não lê a JACINTA?

A venda nas livrarias a 4.ª edição desde 13 de Outubro.

Já vai no 25.º milhar. Pelo correio 11\$00. Pedidos à Gráfica-Leiria. Quere conhecer o linda figura de Nun'Álvares?

— Mande vir já do Gráfico de Leiria.

Vida Maravilhosa de Nun'Álvares. Preço 10\$00.

UM livro só para homens

é o ESCÂNDALO DA VERDADE do Dr. Silva Dias.

Preço 8\$00. À venda nas Livrarias.

Pedidos à GRÁFICA-LEIRIA.

AVISO Aos Reverendos Párocos

Roga-se a todos os Reverendos párocos a caridade de indagarem se alguma pessoa da sua freguesia perdeu, no dia 13 de Agosto do corrente ano uma cesta contendo vestuário e trigo.

Entregar-se-á a cesta a quem der sinais certos.

Dirigir informações ao Sr. Abade de Telões, Concelho de Amarante, Distrito do Pôrto.

Foi no precurso da — Chão de Maças ao Pôrto.



de comprar barato!!

- Meias de algodão c/Reforço 2\$50, 2\$20 e ... 1\$90
- Meias de escocia fina 6\$50, 5\$00 e ... 3\$90
- Meias de linho fino c/costura 9\$50, 5\$40 e ... 4\$50
- Meias de seda transparente 9\$60, 8\$50 e ... 7\$40
- Peugas de algodão fortes 1\$90, 1\$70 e ... 1\$30
- Peugas escocia fantasia 6\$50, 4\$20, 3\$60 e ... 2\$90
- Camisas Zefir lindos padrões 17\$50, e ... 11\$00
- Camisas de malha m/ manga saldo ... 14\$50
- Cuecas Zefir fortes 8\$70, 6\$20 e ... 5\$60
- Lençóis de bom pano 1m.20 19\$00 e ... 17\$00
- Almofadas grandes de pano forte 3\$60, 3\$20 e ... 2\$50
- Travesseiros grandes bom pano 6\$60 e ... 6\$00
- Lençóis grandes brancos para homens ... 1\$25
- Sombrinhas grande reclame desde ... 35\$50
- Guarda-Chuvas grande saldo desde ... 30\$50
- Parures bordadas reclame 32\$50 e ... 27\$50

Continua a grande liquidação de sedas e todos os artigos de verão por preços a menos de metade. Peçam amostras gratis ao Armazem de revenda de A COMPETIDORA DE MEIAS R. Arco Marquês do Alegrete, 39-1.º Próximo ao Rocio — LISBOA

Longamente preparada, precedida de intensa propaganda por todos os meios ao alcance da Comissão Central, ajudada pelas orações de milhares e milhares de pessoas, realizou-se finalmente nas dias 3 e 4 de Outubro a tão suspirada peregrinação operária.

Tomámos parte nela e quise-mos auscultar a alma dos operários que ali vieram à custa, alguns, de tão grandes sacrifícios.

Ficámos contentes. A classe operária em Portugal tem já, louvado Deus, um grupo de homens e rapazes com alma acalentada pelo ideal.

O fervor e piedade simples e destemida, o recolhimento e a vida activa daqueles dias revelaram-nos na massa operária almas de escol que a muitos de olhar superficial passam despercebidas.

Da boca de chefes e organizadores de outras peregrinações e manifestações aliás mais numerosas e barulhentas ouvimos nós que aquela fôra a melhor de todas.

O programa que a «Voz da Fátima» publicou em 13 de Setembro realizou-se fielmente.

As 20 horas a massa dos peregrinos desfilou do portão pela alameda central e veio carinhosamente saudar a Senhora junto à sua imagem na capelinha das Aparições.

A noitinha fez-se luz e a luz foi crescendo, crescendo com um clarão enorme de alvorada.

Eram os milhares de velas simbólicas a arder diante da escadaria, no recinto dos doentes, elevando ao céu em silêncio a sua prece luminosa e bela.

Dai a pouco milhares de operários — os presentes — empunhavam as suas velas acesas e ei-los numa formosíssima procissão que se dobra e redobra até vir confundir com a das simbólicas a sua própria luz.

— A igreja a arder? — Não. A luz que lhe dá a dourá-la na noite escura a classe operária.

E por que não há-de o símbolo realizar-se?

Por que não veremos nós a classe operária resgatada do erro em que tantos se perdem, dar à Igreja o fulgor das suas virtudes heróicas?

Assim o cremos. Voltámos de lá com essa certeza depois de vermos como amorosamente rodeou o Trono do Rei na noite da Adoração e lhe deu guarida no peito à missa de comunhão geral e aclamou a Virgem nas procissões com a sua imagem veneranda e gritou bem alto a sua união, o seu espírito de sacrificio, a sua ansia de conquista no côro falado.

Bem hajam os pomotores da Peregrinação Operária, que juntou representantes do Algarve e dos Açores ao Minho e Trás-os-montes!

E que dentro em breve nos encontremos de novo ali multiplicados a cem por um!

G. DE O.

O Mês das Almas

Novembro é o mês das almas. Bem lhe poderíamos chamar também o mês da saúde católica.

Mês das almas porque durante ele procuramos recordar duma forma especial nas nossas orações e sufrágios as almas dos entes queridos que o Senhor já chamou a Si. Mês da saúde católica porque a nossa piedade como que evoca aqueles que já partiram. Com a morte apenas nos separámos por um pouco. Dentro em breve reencontrar-nos-emos de novo. Até lá a saúde faz-nos ir em pensamento até junto desses queridos ausentes.

O mês de Novembro não pode ser apenas o mês de estereis lágrimas sobre flores emurchecidas das campas.

Assim procedem os pagãos. Novembro deve ficar assinalado pelos sufrágios em favor das Almas do Purgatório.

A celebração ou pelo menos a audição da Santa Missa, as indulgências, orações, esmolas são os melhores meios de as aliviar dos tormentos que sofrem.

Procuramos tomar parte na devoção do mês das Almas, inscrever-nos nas Irmandades das Almas, e inscrever os nossos finados na Pia Obra dos Cruzados de Fátima.

Novembro é ainda tempo de meditação.

Amanhã estaremos nós na situação destas almas: Quem nos aliviará? Quem pedirá por nós?

Três resoluções: vivermos sem ofender a Deus; procurarmos obter de Deus durante a vida o perdão das nossas faltas; assegurarmos os sufrágios pela nossa alma.

Por pequenas coisas sofrem hoje tantos no Purgatório; procuremos, enquanto é tempo, salvar-nos de lá.

FÉZ, HÁ POUCO, UM ANO...

que a voz quente e dorida do Vigário de Cristo se ouviu no mundo por cima do fragor das batalhas e subiu até ao céu a entregar, a consagrar à Mãe de Deus, ao Seu Imaculado Coração todo o género humano sem excepção da própria Rússia.

Recordamos a comoção singular desse dia em que o Papa falou com a Virgem em português.

Pela boca dos nossos Chefes Es-

pirituais, os Senhores Bispos, fizemos a nossa consagração também.

Quere dizer que não somos nós, que nos não pertencemos. Somos de Maria.

A um ano de distância a guerra continua a devastar o mundo.

Que é da nossa consagração? Renovemo-la com toda a alma e com a maior sinceridade.

Vivamo-la de forma que não haja em nós qualquer coisa que, nem ao de leve se queira desagrade à querida Mãe do Céu.

Medalhas Religiosas

encontra-se à venda no Santuário da Fátima, toda a edição das preciosas medalhas religiosas assinadas, pelo escultor

JOÃO DA SILVA

Não tenho tempo...

Tão gasta anda esta frase — na boca de toda a gente — que não é de admirar que fosse a preferida por um rapaz de vinte anos que se lançara a dar lições mal concluíra o curso dos liceus.

Mais uma vez lhe vinha aos lábios quando, certo dia, um velho professor que por ele tinha ternura de pai o encontrava e lhe observava:

— Que pena não teres seguido os estudos! Por que não tentas ainda uma formatura?

Gonçalo quasi se escandalizara: — Uma formatura! Quando se tem de trabalhar a bem dizer para ganhar o pão de cada dia!

— Mas tua mãe... — aventurara ainda o ancião.

— A pensão que meu saudoso pai lhe deixou não nos chega na crise que se está atravessando. Uma formatura! Nem pensar nisso! Não tenho tempo!

Afectuoso como sempre, o bondoso velhote despediu-se e afastou-se, não, todavia, sem um erguer de sobrolhos e de ombros que significava:

— Pena, na verdade... Uma cabeça destas!

Gonçalo olhou o relógio. Escusadamente tinha precipitado o almoço coisa que sempre desgostava a mãe, amofinada por ele nem sossiego ter para as refeições. Tinha perto de um quarto de hora antes de começar as aulas da tarde no colégio, ali a dois passos.

Um quarto de hora... Não chegava para nada! E era assim o tempo de que, pelo dia adiante — e mesmo ao ser — podia dispor.

Estava calor; sentou-se num banco da praça onde a cena se passava, sob uma das frondosas árvores que a ladeavam. Uma voz infantil que repetia um tempo do verbo *querer* fê-lo voltar a cabeça e mergulhar os olhos por entre as grades duma janela da «cave» do prédio distanciado apenas pela largura do passeio.

Uma rapariguinha, de dez a doze anos, sentada junto duma toska mesa, estudava com afincado, mas, ao que parecia, com pouco sossiego para o fazer. Enquanto decorava, vigiava o lume, onde fervilhava uma panela, e um pequenito que brincava estirado no chão.

— Tinnho... não se mete isso na boca! Ah! feio!

E lá se levantava, ia tirar qualquer coisa ao garoto que se punha a rabujar e que ela acariciava entoando o seu verbo, à maneira de canção:

— Eu quero... tu queres... ele quer...

Voltava depois à chaminé, aticava o lume, mexia a panela e continuava:

— Nós queremos... vós quereis... eles querem...

Sentada de novo à mesa, era a mãe, sem dúvida doente, que a chamava do quarto contíguo:

— Mariuzinha... se me aquentas agora o caldo...

— Pronto, mãezinha!

E, enquanto traquinava com a loiça no armário, não se descuidava de repetir:

— Eu quero... tu queres...

Na torre da igreja próxima, duas badaladas sonoras arrancavam Gonçalo do seu pósto de observação... e de aprendizagem. Ah, sim! Que lição lhe dava aquela criança! Não seria ela, não, que diria que um quarto de hora não chegava para nada. Não seria ela que, por não ter a comodidade de estudar tranquila, horas seguidas, desistisse do seu exame dizendo:

— Não tenho tempo!

Quantos quartos de hora desperdiçava ele durante o dia! Somariam às vezes duas horas; outros, mais ainda... Porque não aproveitá-las, aproveitando a inteligência e robustez que Deus lhe dera e adquirindo meios de proporcionar a sua mãe uma velhice mais desale-

gada e de favorecer também o seu proprio futuro?

Ao entrar no colégio, onde por preço modesto dava explicações, a sua resolução estava tomada: iria procurar o velho mestre e pedir-lhe conselho sobre o melhor caminho a seguir.

Passaram cerca de cinco anos. Gonçalo, formado em História e colocado num liceu, acabava de perder a mãe, e, vendo-se só, começava, naturalmente, a architectar planos da fundação dum lar. Muitas vezes a mãe, que pelo seu estado de saúde previa o próximo fim, lhe lembrava essa necessidade, mostrando-lhe quanto gostaria de deixá-lo amparado. O rapaz, porém, que nem por um momento queria reflectir em que podia perder a mãe estremecida, respondia sorrindo:

— Por ora não posso pensar nisso, mãezinha... Não tenho tempo!

Era ainda o seu argumento predilecto. Mas agora, que remédio senão achar tempo... Não poderia viver assim!

Contudo os dias iam passando e Gonçalo não se resolvia a tomar uma decisão. Assustavam-no essas raparigas, pela maior parte de modos sacudidos se não estouvados, de rostos provocadoramente pintados de saias pelo joelho... E era assim quasi tudo, sem se poder differenciar o bom do mau — uma época tal como a definiu um Santo Pontífice:

— Já as Marias se não distinguem das Madalenas...

Uma tarde, passando em frente do colégio onde, para se entregar com mais êxito ao estudo, deixara de ensinar por ser o trabalho que tinha mais mal remunerado, veio-lhe à ideia a rapariguinha que tão resolutamente decorava certo dia o verbo *querer*. Que seria feito de lá?... Ainda ali moraria?... Para não ir, ostensivamente, espreitar pela janela gradanda, sentou-se no mesmo banco e olhou. Lá estava ela sem dúvida; as mesmas tranças escuras, agora enroladas sobre a nuca, a mesma fisionomia franca, o mesmo olhar sério e profundo que já outrora impressionava.

Sentada à mesma mesa ensinava a soletrar um rapaziço, por certo também o mesmo; não se tratava agora de conjugar verbos, mas a sua voz, calma e harmoniosa, articulava distintamente:

— Querer é poder!

E Gonçalo sentiu que a sua felicidade terrena estava ali e que seria bem empregado todo o tempo que gastasse em conquistá-la.

M. de F.

TIRAGEM DA «VOZ DA FATIMA» NO MÉS DE OUTUBRO

Algorve	7.665
Angro	20.955
Aveiro	9.295
Beja	6.224
Braga	80.485
Bragança	13.066
Coimbra	14.924
Évora	4.838
Funchal	13.915
Guarda	18.783
Lamego	10.469
Leiria	14.889
Lisboa	14.854
Portalegre	13.773
Porto	53.513
Vila Real	25.225
Viscu	10.694
Estrangeiro	333.567
Diversos	3.796
Total	12.677
Total	350.040

Graças de N.ª Senhora da Fátima

AVISO IMPORTANTE

Dora-avante todos os relatos de graças obtidas devem vir autenticados pelo Rev. Pároco da freguesia e acompanhados de atestados médicos quando tratem de curas.

De contrário não serão publicados.

NO CONTINENTE

Promessa da reza diária do terço

João Paulino, Aldeia do Mato, diz que sua mulher adoeceu gravemente com uma pneumonia, sobrevindo-lhe uma pleurisia. Era tão alarmante o seu estado que, seguindo a ordem do médico, teve de ser internada no Hospital de Abrantes onde foi examinada e declarada tuberculosa. Era tal o adiantamento da terrível enfermidade que o médico lhe disse: aqui, só Deus pode salvar a sua mulher. Assim desenganada levantaram-na de novo para casa. Desesperado já da medicina, cheio da maior aflicção, lembrando-se que ia perder a mulher, ficando na orfandade os cinco filhos, todos menores, o sr. João Paulino ajoelhou-se com os tílhinhos diante das imagens de Nossa Senhora da Fátima e do S. Coração de Jesus que presidem na sua casa e pediu que se fizesse a Vontade do Senhor, mas que pedisse a saúde para a sua mulher que tanta falta lhe fazia e aos seus filhos. Prometeu ir à Fátima a pé por penitência e de joelhos desde o pórtico do Santuário até à capelinha das aparições, rezarem o Terço todos os dias e darem a N.ª Senhora uma oferta na medida das suas posses. O auxilio divino não se fez esperar, pois a enferma, com grande espanto dos medicos, logo começou a melhorar, e hoje faz a sua vida normal. Em 13 de Agosto de 1937, vieram ao Santuário da Fátima a dar cumprimento ás suas promessas, inundadas as almas da maior alegria e reconhecimento a Nossa Senhora.

Tornando publica esta graça como prometeu também, querê outrosim agradecer varias graças que igualmente atribui à mediação da Mãe de Deus.

D. Maria da Conceição Martins, Gondomar, vem agradecer a Nossa Senhora a Graça que lhe fez de lhe curar um filho, de um ano de idade, da terrível doença da meningite.

D. Maria Adelaide de Oliveira, Meio, diz que, tendo adoecido gravemente com uma angina, abcesso pulmonar, pleurisia etc., doença que durou muitos meses, passados em parte nos Hospitais de Coimbra, na iminência duma intervenção cirurgica, graças a Nossa Senhora da Fátima foi curada o que publicamente lhe vem agradecer.

D. Maria da Conceição Nunes da Costa, Braga, diz que, tendo uma pessoa de familia, com uma febre tifóide e um abcesso no pulmão esquerdo, em estado gravissimo, juntamente com outras pessoas pediu a Nossa Senhora da Fátima que a curasse.

A enferma deram a beber água da Fátima enquanto pediam o divino favor. Sucedeu, pois, que logo principiou a melhorar, gozando hoje de perfeita saúde.

D. Maria da Conceição Moreira de Sousa, Gondomar, diz: «Encontrando-me com a minha familia numa grande dificuldade e sem esperança de algum alivio, recorri a Nossa Senhora da Fátima, fazendo uma novena. Sucedeu que, no fim do quarto dia o meu pedido foi atendido. Venho, portanto, cheia de reconhecimento, agradecer a tão boa Mãe, tão grande favor.

D. Adelaide da Conceição, Vila Nova de Famalicão, diz que, encontrando-se muito mal com repetidas cólicas nos rins, intestinos, etc., correu a Nossa Senhora da Fátima,

confessando-se e comungando. Bebeu água do Santuário da Fátima, prometendo publicar a cura e vir ao Santuário dar-lhe uma esmola. Começou a sentir-se melhor daquela enfermidade que durou cinco meses. Dois anos decorreram sem que tornasse a sentir tais dores.

Francisco Gomes dos Santos, Corgo, diz: «Em Maio de 1932, vin de Luanda com minha mulher e um filho de 6 anos que ainda não falava. Em Outubro do mesmo ano fui com a minha mulher a Fátima e pedimos a Nossa Senhora alcançasse a fala para o nosso filho. Ao regressarmos a casa, o pequeno já falava, perguntando-nos logo pelos brinquedos que lhe havíamos prometido.

«Também em Janeiro de 1934, tendo voltado já para Africa, declarou-se-me uma doença pulmonar; tive varias hemoptizes e isto até 1937 quando minha mulher, cheia de aflicção recorreu a Nossa Senhora da Fátima pedindo-lhe a minha cura. Nossa Senhora atendeu tão afflitiva supplica, e por isso vêm tornar público o seu reconhecimento por tão grandes graças».

Zacarias da Costa Vasconcelos, Barcelos, diz: «A 26 de Abril de 1938, minha filha Helena, de 15 anos de idade, appareceu com uma das mãos doente. Consultado o medico, declarou a necessidade urgente de que a menina desse entrada numa Casa de Saúde para ser operada. Ante esta expectativa viemos para casa e então, com grande fé e fervor, pedimos a Nossa Senhora da Fátima que a menina se curasse sem a intervenção cirurgica, comprometendo se esta a rezar o Terço diariamente em acto de louvor.

Sucedeu então que no dia em que a operação se devia realizar lhe rebentou a mão, e passados dias estava completamente curada».

D. Matilde do Rosario, Loures, tendo estado doente e sendo-lhe declarada a necessidade de ser submetida a uma operação, pediu a Nossa Senhora da Fátima que a curasse sem tal remedio. Bebeu água do Santuário da Fátima e a sua prece foi ouvida, pois, dentro em pouco, sem mais nada, obteve a sua cura, o mesmo se dando com D. Maria do Rosario Lopes, pelo que, cheias de reconhecimento agradecemos à Mãe de Deus.

D. Maria Preciosa Gil Nobre, Coimbra, diz: «Querendo ser grata a Nossa Senhora da Fátima, peço que publique a graça da cura de um filho, de 23 anos, estudante, que sofria havia três anos duma doença de que em vão havia sido operado. Estava completamente desenganado da medicina; foi então que recorremos com fé a Nossa Senhora da Fátima, e dentro de 15 dias encontrava-se radicalmente curado. São voividos dois anos e a cura mantém-se. Graças a Nossa Senhora do Rosario da Fátima».

NOS AÇORES

D. Adelaide Gomes, Pico, agradece a Nossa Senhora da Fátima a graça dispensada em favor do seu neto Afonso Avila, curando-o duma pneumonia dupla, e envia 20\$00 em cumprimento do voto que fizera no momento angustioso em que viu o seu neto cadavérico.

José Pereira Gomes, Lages, Flores, diz: «Encontrando-se o meu filho Fernando Vieira Gomes gravemente doente com osteomielite numa perna, declarando o médico a necessidade duma operação, recorremos, com muita confiança a Nossa Senhora da Fátima, fizemos a novena e demos a beber ao doentinho, durante os nove dias, água do Santuário da Fátima. No fim da novena manifestaram-se sensíveis melhoras e hoje encontra-se completamente curado, ficando sem defeito.

E minha filha, que já não tinhamos esperanças que sobrevivesse a uma pneumonia, graças a Nossa Senhora da Fátima, a quem recorremos fazendo uma novena e dando água milagrosa à enferma, foi curada e encontra-se bem.

Agradecem graças muitas e diversas, obtidas por mediação de Nossa Senhora da Fátima

D. Palmira Machado, Lisboa.
D. Piedade Martins, Calvario, Sines.

Fernando Augusto Sousa, Azeitão.
Ms. Maria Rocha, New Bedford.
D. Serafina Maria de Barcelos, Ponta Delgada.

D. Cândida Ribeiro, Madalena, Pico.
D. Madalena da Piedade, Lisboa.

D. Raquel Pires, Lisboa.
D. Maria Laureana Gomes, Pico.

D. Natividade Oliveira Varela, Lamego.

D. Maria da Pena Leal, Terceira.
D. Aldina Gomes Loja, Funchal.

D. Maria Henriques da Silva, Pesequeiro do Vouga.

Silvério Henriques, Pesequeiro do Vouga.

D. Maria Borges, Terceira.

D. Idalina da Conceição Damásio, Salvaterra de Magos.

D. Laura Furiado do Rêgo, S. Miguel.

D. Marieta Ramos Figueiredo, Monção.

D. Abina Duarte Carcainho, Lisboa.
Fernando Maciel, Roma.

D. Maria da Piedade, Sertã.

D. Maria Domingas de Bastos, Pardelhas.

D. Maria Aclatãe Castro e Brito, Beja.

D. Gertrudes Melcias Duarte, S. D. do C.

D. Matilde de Viall Coelho, Agueda.

Manuel Alves Salazar, Famalicão.
Adolfo Ribeiro, Alhandra.

D. Maria Ana Afonso, Lisboa.
D. Maria Emilia Pinto, Moura.

Inácio da Trindade, Castro de Aveles.

António Teixeira, Porto.

D. Maria da Gloria Silva Nunes, Monchique.

D. Celeste Saturnino Velozã, Porto Santo.

A GRANDE PEREGRINAÇÃO NACIONAL DE OUTUBRO

(Continuação da 1.ª página)

Depois realizou-se a procissão que reconduziu a Imagem de Nossa Senhora à sua capela, onde o rev. cônego dr. Manuel Marques dos Santos, reitor do Seminário de Leiria, leu a fórmula de consagração do povo à Rainha do Céu e se cantou piedosamente o «Adeus».

Não obstante a falta de meios de transporte, tão grande e tão geral na hora presente, o número de peregrinos neste mês, segundo a opinião de pessoas entendidas, não foi inferior ao do mês de Outubro de qualquer dos anos anteriores.

Os peregrinos espanhóis manifestaram a sua satisfação pela maneira como tinha decorrido a longa viagem que empreenderam. Levaram fundas saudades de Fátima, onde se edificaram sobremaneira com a fé viva e a piedade simples e encantadora de que o nosso bom povo deu testemunho durante os actos religiosos realizados na Cova da Iria.

Visconde de Montelo

Visado pelo Censuro

PALAVRAS MANSAS

Figura inolvidável

O salão em que o cardeal D. Américo recebia, no Paço Episcopal do Porto, comunicava directamente com o salão dos retratos, onde os concorrentes esperavam respeitosamente a sua vez. Havia no mobiliário, sem sombra da dignidade prelatícia, um arranjo singelo e sóbrio. Estava-se longe da corte de Versailles ou da corte de D. João V.

O cardeal esperava, de pé, perto da entrada ou junto duma mesa que ocupava o meio do salão. Grave e paternal, distinto sem afectação e acolhedor sem excessos de urbanidade. Muito affeito a governar, Bispo que do seu gabinete de trabalho, ao perto e ao longe, via tudo, depois de ouvir atentamente a exposição, o requerimento, o pedido, respondia com brevidade e clareza, sem dar margem a monótonas divagações. Por cortesia e cerimónia protocolar convidava a sentar-se as autoridades e pessoas de grande relevo social, mas sem querer por qualquer forma prejudicá-las no emprego do seu tempo... Sentava-se também para ouvir uma informação mais expressa e valiosa ou para resolver com a sua alta competência, feita de saber, experiência e zelo, um ou outro caso mais embaraçoso, em que às vezes as palavras não diziam a verdade toda...

No seu salão de receber o Cardeal não convivia, governava. No Paço do Porto ou à beira-mar, na pequena e modesta casa de Matosinhos, a reorganização da diocese, em bases sólidas e duradouras, absorvia todo o seu pensamento e toda a sua actividade. Não podia perder tempo.

Quando entrou no Porto, pela mão de Pio IX, a liberdade era ainda um mito prestigioso. Liberdade para todos, menos para a Igreja e para a reacção ultramontana, como se dizia então.

A liberdade era tudo — luz e paz, ordem e progresso. Caracterizava os partidos, timbrava os braços, lustrava as pessoas, legitimava os interesses, disfarçava as ambições... Ideal e profissão, que levou muita gente mais longe do que realmente merecia.

Tanto se desvanecia o Porto em ser o baluarte da liberdade, que Camilo, para o fim da vida, chamava-lhe simplesmente e irónicamente o Baluarte. A maior das festas cívicas era o 9 de Julho, que comemorava o desembarque dos 7500 bravos de Mindelo. Entre as solenidades religiosas destacavam sempre as exéquias de D. Pedro IV na real capela da Lapa. Até na toponímia local o grande mito era tembrado e imposto ao culto dos transeúntes. Praça da Liberdade, Rua dos mártires da Liberdade, Rua da Liberdade... Como os dísticos à beira das estradas, para ensinar o caminho a sonhadores e viedeiros.

A Liberdade decantada por toda a parte — na imprensa, nos comícios, nos teatros... A cidade convertida numa caverna de leões anti-religiosos e anti-clericais.

A liberdade trovejava pela boca de Alexandre Braga, com tropas a fusilar como coriscos e amimava a valdiagem cadastrada que cobria de chufas os padres, como fez um dia o Bispo de Bethesda, D. A. Ayres de Gouveia, que seguia despreocupadamente, com o seu hábito eclesiástico de passeio, por uma rua convizinha da igreja da Trindade.

Um mito que permite e autoriza este abuso, este desaforo, venha donde vier, seja de quem for, está naturalmente a caminho dum irremediável descrédito.

Os escritórios mais lidos e festejados do Porto eram ciosamente liberais: Guilherme Braga, Borges de Avelar, Germano de Meireles, Urbano Loureiro, Emílio da Oliveira e outros e tantos outros. O próprio Silva Pinto, jornalista agressivo e crítico irreverente, num dado momento veio de Lisboa engressar o haste liberal e estabeleceu-se com Camilo numa polémica feroz de que rezam as Noites de fusão. Não há nada como caminhar ao sabor de ventos predominantes... Para não perder o tempo, Silva Pinto fez na imprensa uma acusação grave a um padre — o padre B., que

em virtude dela foi chamado aos tribunais. Como constasse logo que o Prelado seria uma das testemunhas de defesa, o fogoso jornalista dirigiu-se sem demora ao Paço Episcopal. E conta no seu livro Pela Vida Fora: «Nunca, em parte alguma, fui tão facilmente recebido. Dei entrada numa sala de visitas assaz modesta, onde, volvidos alguns minutos, o Bispo Américo veio ter comigo. Levantei-me e esperei que ele me perguntasse: — Quem é que me dá a honra de...»

— Chamo-me Silva Pinto. A serena e ascética figura de D. Américo mostrou perturbação. Indicou-me um sofá, tomou lugar num fauteuil e assumiu atitude de quem esperava ouvir. Ouviu: — Chamo-me Silva Pinto; vim aqui, porque fui prevenido de que Vossa Excelência Reverendíssima se apresenta como testemunha de defesa do presbítero que eu tenho acusado.

— Que mais, senhor? — Ousarei pedir a Vossa Excelência Reverendíssima que reflita antes de dar esse passo, que infalivelmente lhe causará remorsos. Da culpabilidade do acusado tenho eu provas esmagadoras, que Vossa Excelência Reverendíssima decerto desconhece.

— Tem provas? — Decerto, meu senhor; nem eu lançaria a público semelhante acusação, sem que as possuisse; seria uma imprudência e uma atrocidade.

— Pode historiar os factos. Neste momento? — Sim.

— Imediatamente, meu senhor! E narrei-lhe tudo o que não deve ser hoje resuscitado. D. Américo ouviu, de olhos baixos, silenciosamente; por fim, erguendo-se e, num impulso de cólera mal contida, bradou: — É uma guerra de extermínio a que os senhores fazem ao clero; tudo o que lhes serve como elemento para escândalo.

Eu naturalmente levantei-me e perguntei simplesmente: — É a conclusão que V. Ex.ª tira da minha narrativa? — Sereno e olhando-me com certa doçura, disse-me: — Não, senhor. Eu cumprirei o meu dever.

Pela primeira vez então Silva Pinto teve diante de si um Bispo.

Correia Pinto

PALAVRAS DE UM MÉDICO

(2.ª Série)

XXXVIII

DEPOIS DA GUERRA

Há tempos, assisti, numa loja de barbeiro, no Porto, a uma discussão tremenda a respeito da guerra.

— Para que servirá a guerra? dizia um, indignado.

— Eu li no jornal, dizia outro, que a guerra era para estabelecer a «Carta do Atlântico».

— Se leste no jornal, replicava o primeiro, é porque é peto...

— A humanidade muito vai lucrar com a guerra. Estes sacrificios são úteis para o progresso, informava um.

Vão abaixo as catedrais, mas ficam os arranha-céus, que ainda são mais altos...

Sentado em cadeira muito cómoda, era barbeado um chauffeur que manifestava idéas avançadas. A gasolina tinha duplicado o seu preço e ele tinha aumentado dez vezes as carreiras do seu taxi.

É preciso aceitar com paciência as

Crónica Financeira

Ai por 1940 correu mundo que depois desta guerra o ouro passaria a não valer nada e houve quem acreditasse que o domínio do cobinado metal poderia ser extinto com um traço de pena ou com um golpe de espada. Pura ilusão! O valor do ouro não depende da força da lei nem da lei da força, mas da cobiça dos homens. Enquanto for cobiçado, o ouro terá sempre valor. A violência ou a lei podem no fazer mudar de dono, mas não lhe podem tirar a fascinação que ele exerce sobre os homens. E enquanto essa fascinação existir, não é o valor do ouro que depende da sorte das batalhas, antes é a sorte das batalhas que está à mercê do poder do ouro. Sempre assim foi e assim será sempre pelos séculos fora, enquanto o homem for homem.

O ouro é o valor mais sólido do mundo económico e o menos sujeito a variações bruscas e profundas. Não pode ser gerada artificialmente como as pérolas, nem é produzido em quantidades superiores às necessidades do consumo, como os diamantes. Quanto aparece, todo tem comprador. Nenhum bem se desvaloriza menos que este. Um povo que compra ouro, é que está próspero. Se se desfaz dele, sinal é de decadência. Pelo movimento dos ourives se pode avaliar da situação económica dos povos.

Depois da crise de 1919, quasi todos os povos do mundo se desfizeram do seu ouro que seguiu a caminho da América do Norte, onde se encontra ainda a bom recato. Portugal não escapou a essa calamidade mundial e que várias vezes nos referimos nestas crónicas. Felizmente que parece que as coisas começam a mudar.

Neste verão, numa praia do Norte onde há ourivesarias importantíssimas, uma senhora encomendou numa delas uma medalha de ouro, em segunda mão, para uma criada. Passados tempos voltou, a ver se já teria aparecido medalha que lhe servisse. Nem uma.

— No mês de Agosto do ano passado, disse-lhe o ourives, comprámos aqui mais de 80 kilos de ouro em segunda mão. No mês de Agosto deste ano, nem 80 gramas!

Não quer isto dizer, presados leitores, que as ourivesarias estivessem as moscas que não estavam. Pelo contrário, sempre cheias. Também não pode isto significar que a guerra para nós tenha sido uma mina, que não foi, nem é. Esta guerra tem sido uma calamidade para toda a Europa, e portanto para nós também. O que o caso significa é que há ainda muita gente de juízo, que compreende que nos procelosos tempos que estamos vivendo, o que importa é salvar o capital, sem atender ao rendimento. Quem for atrás deste, está perdido.

Pacheco de Amorim

consequências da guerra, pontificava o chauffeur.

Depois dela, acabarão os ricos, mas também acabarão os pobres...

Até agora, eu levava os ricos ao teatro. Depois da guerra, eles é que me levarão a mim nos seus automóveis...

As palavras sentenciosas do chauffeur impressionaram profundamente os que assistiam à discussão.

E o oficial de barbeiro, muito esparto, de olhos vivos, que servia o chauffeur bolchevista, elucidou, em voz baixa:

— Já percebe, senhor F. Até agora, o senhor vinha cá para eu lhe fazer a barba. Depois da guerra, voltará a vir aqui à loja, para me fazer a barba a mim...

O chauffeur bolchevista mastigou em seco, não respondeu nada, levantou-se e saiu da loja cabisbaixo, de orelha muito murcha...

J. A. Pires de Lima

CONVERSANDO

A Neutralidade de Portugal na actual guerra

Nação cristã por origem e tradição, Portugal acaba de pôr, mais uma vez, em relevo a nota de cavalheirismo e lealdade, que tem dominado a sua gloriosa história, entendendo sempre o seu bem próprio em cooperação com o das outras Nações. É este um facto que profundamente autoriza a nossa fé e distintamente afirma a nossa independência política.

A neutralidade em que nos declaramos logo no romper da actual guerra e em que sinceramente nos temos mantido, não é senão a continuação dum forte carácter colectivo consubstanciado em oito séculos de história.

Não é uma atitude de comodidade exclusiva ou de indiferença diante dos males alheios; mas uma atitude de paz activa, conciliadora, de acolhimento egnânime, numa enternecida solidariedade humana, ora fazendo sentir de facto e oficialmente que não é incompatível, em circunstância alguma, com a sua aliança de amizade com a Inglaterra, aliança que tem vindo ininterruptamente desde 1373, ora formando com a Espanha o Bloco Ibérico de não agressão e de defesa mútua sobre bases declaradas e positivamente cristãs, ora ainda apertando com o Brasil uma mais íntima e intensa aproximação de relações determinadas pela sua comum origem e destino histórico. E, sem desfitar os olhos do resto do mundo, por toda a parte onde a tragédia da guerra vem fazendo vítimas, Portugal procura os naufragos dos bombardeamentos para lhes valer, reparte dos seus recursos o mais que pode pelos que sofrem, acolhe os refugiados, facilita as trocas dos prisioneiros de guerra, e abre os braços a todos os povos da terra numa sincera evocação de paz e de humanidade.

Tudo isto dá a razão do recente acôrdo entre os governos de Portugal e da Grã-Bretanha, cujas notas officiosas saíram publicadas nos jornais de 13 do corrente, precisamente no dia em que se comemorava o 25.º aniversário da última das aparições de Nossa Senhora da Fátima nesta nossa Terra de Portugal. Segundo essas notas, Portugal, com base na sua antiga aliança, concede «temporariamente» a Grã-Bretanha, dentro do respeito à nossa reconhecida soberania, algumas facilidades nos Açores «que a habilitarão a melhor proteger a navegação mercante no Atlântico», e a Grã-Bretanha concede a Portugal «auxílio em material e outros fornecimentos indispensáveis ao Exército Português e à manutenção da nossa economia nacional». O governo Britânico afirma terminantemente que «nada no referido acôrdo afecta o permanente desejo do Governo Português continuar a política de neutralidade no Continente Europeu e por esta forma conservar uma zona de paz na Península Ibérica». E mais afirma ainda que o acôrdo «corrobora e fortalece as antigas garantias resultantes dos Tratados de aliança, dá nova prova da amizade anglo-portuguesa e fornece uma garantia adicional para o desenvolvimento desta amizade no futuro».

Em idêntico rumo foram trocadas mensagens entre os Ministros dos Estrangeiros dos dois Países aliados e feitas confirmações por parte dos respectivos governos ao governo de Espanha que bem as acolheu.

Dêste modo vê Portugal na presente conjuntura a sua justa neutralidade e posta na devida altura a sua dignidade de Nação.

18 de Outubro

A. LINO NETTO

VOZ DA FATIMA

DESPESAS

Table with 2 columns: Description and Amount. Includes items like Transporte, Papel, comp. imp. do n.º 253, Frang. Embalagem, transporte do n.º 253, Na administração, Total.

Donativos desde 15\$00

- List of donors and amounts: D. Maria Emília Póvoas — Mangualde, 25\$00; dr. João Martins de Freitas — Guimarães, 20\$00; D. Catarina Beato C. Peralta — Nisa, 20\$; P.º Soares de Abegaria — Porto, 20\$00; D. Carlos, Bispo de Pitane, Cucujães — 20\$00; Victor de Sousa Cordeiro — Santa Maria — Açores, 20\$00; Alberto Neto — Vila Real, 20\$00; D. Maria da Assunção Cabral — Lisboa, 20\$00; D. Joana do Esp. Santo Neves — Amoreira, 20\$00; D. Leonilde Botelho — Ponta Delgada, 30\$00; P.º Avelino Pereira da Costa — Braga, 20\$00; D. Maria da Encarnação Cerejo — Palavo, 31\$20; Francisco Marques de Sousa — Penafiel, 40\$00; dr. Falcão de Miranda — Estoril, 20\$00; D. Consuelo Lladó de Polk — Lisboa, 20\$00; D. Maria da Silveira — New Bedford, 133\$00; D. Maria Dias — New Bedford, 110\$00; D. Ana Delfina Pereira — New Bedford, 50\$00; D. Ana Rosa Vieira Guimarães — Porto, 40\$00; D. Maria da A. Osório Madureira — Lamego, 50\$00; D. Maria Sousa — 20\$00.